

os pioneiros os mangels



O jovem Max.

A história do gás liquefeito de petróleo no Brasil não pode ser contada sem um capítulo especial, dedicado ao homem que iniciou a produção de botijões no país, e cuja indústria se tornou a maior fabricante mundial de recipientes de aço para gases sob pressão.

Em 1920, no mesmo navio em que o pioneiro Ernesto Igel chega ao Brasil, viaja também Max Mangels Junior. Não se encontram naquele momento, tão próximos. Igel vem de primeira, Max de segunda classe. São histórias muito semelhantes que vão se cruzar anos mais tarde, em atividades integradas e paralelas.

Filho do proprietário de uma casa de exportações em Hamburgo, Max Mangels Junior conhece o Brasil através dos negócios que a empresa mantém com a Cia. Antarctica Paulista. Na época, antes da primeira Grande Guerra, só a água utilizada na produção da cerveja é nacional. Garrafas, tampinhas, cevada, malte... tudo vem da Alemanha. As ligações entre as empresas são tão estreitas que Max Mangels Junior é convidado para vir trabalhar no Brasil na Zerrenner Büelow & Cia. Ltda., firma importadora pertencente aos sócios da Antarctica.

Max, que tem 22 anos, deixa na Alemanha a noiva, Anita, que é professora em Hamburgo. Somente três anos depois, quando a estada no Brasil já está consolidada como opção de vida, Anita vem para se casar no Consulado Alemão, em São Paulo.

Durante oito anos Max trabalha como secretário pessoal do senhor Zerrenner. Os filhos, Max Ernst, Peter e Anita, nascem em 1924, 27 e 29. Bom comerciante, Max percebe que está chegando o momento do Brasil começar a substituir grande parte de suas importações por pro-

os pioneiros



Dona Anita, a mensageira.



O escritório da fábrica.

duto fabricados aqui mesmo. Como não tem formação técnica, procura um sócio que queira abrir uma indústria e tentar, ao seu lado, traçar um caminho independente. Em 1928, junto com o engenheiro, também alemão, Henrique Kreutzberg, funda a Mangels & Kreutzberg Limitada, com um capital inicial de 300 contos de réis.

A fábrica é construída na Av. Presidente Wilson, em São Paulo. Seu objetivo inicial: produzir baldes. As tarefas são divididas entre os sócios, Mangels vai à Europa comprar pessoalmente os equipamentos, enquanto Kreutzberg acompanha as obras civis do prédio.

As dificuldades iniciais são muito grandes. Como a fábrica não tem telefone, dona Anita é quem recebe os pedidos e consultas na residência dos Mangels, então situada na distante Alameda Tietê.

Diariamente ela toma o bonde da Rua Augusta que a leva até a Moóca. De lá segue a pé até a fábrica. É a primeira mensageira da indústria.

A crise de 29 pega a Mangels & Kreutzberg em plena fase de implantação. Para mal dos pecados, em 1931, a explosão de um depósito de dinamite, vizinho à fábrica, arrasa totalmente suas instalações, obrigando a interrupção da produção. O que ajuda a tocar a empresa é o setor de galvanização, instalado inicialmente apenas para atender à produção de baldes.

O leque de produtos se diversifica: ferragens para linhas elétricas, tanques, tambores. A ordem é entrar no mercado em segmentos até então dependentes exclusivamente de importações.

Aos sábados e na época de férias, Max leva os filhos para visitar a fábrica. Para as crianças, a forjaria é fascinante. Curiosamente, dona Anita também colabora no processo de produção. É ela que faz, em casa, o acabamento

interno de caixas de eletricidade e cestas metálicas para poços artesianos. É trabalho delicado que requer paciência e capricho.

Em 1938, Ernesto Igel — o companheiro desenhado de viagem — entra nos escritórios da Mangels com um pedido inédito: a produção de "garrafas" para gás. Os botijões para a Ultragaz começam a ser produzidos em três partes — um corpo cilíndrico central e duas calotas, o que implica em três trabalhos de solda. Tudo é feito manualmente. Nos primeiros anos a produção oscila entre 100 e 200 unidades mensais. Na década de 50, a Mangels desenvolve o projeto dos botijões de 13 quilos em duas partes, que se torna o padrão brasileiro no setor doméstico.

O modelo e a capacidade dos botijões nacionais são determinados pelo aproveitamento máximo das chapas utilizadas.

Em 1949, a produção chega a 1.000 unidades por mês. É muito pouco para um mercado que começa a se expandir. As distribuidoras, a partir da década de 50, importam vasilhames da Itália, Estados Unidos, Dinamarca e Venezuela. Até saldos de carcaças de bombas incendiárias são importados para armazenar glp. São as "carrapetas" com capacidade para 90 quilos de gás. Como não poderia deixar de ser, o inventor da estranha adaptação é Ernesto Igel.

Até 1950, a Ultragaz é a compradora exclusiva dos botijões da Mangels. Nos anos seguintes a indústria passa a fornecer também para outras distribuidoras. Na década de 60 o mercado interno está praticamente estabilizado. A Mangels, em sociedade com Edson Queiroz, constrói uma fábrica em Fortaleza. É o início da Tecnorte. Esta associação permanece por muito tempo.

Em 1974, é inaugurada em Três Corações — Minas Gerais, o que é hoje a maior produtora



Chegam as primeiras máquinas.



A partir de 1950 cresce a produção de botijões.



Baldes zincados - o primeiro produto.

do mundo de botijões para glp — a Mangels Minas Industrial S.A.

São 260 mil unidades mensais, que abastecem grande parte do mercado interno e atendem distribuidores de todos os continentes, dentro das mais variadas especificações de produção e acabamento.

Os dois filhos de Max Mangels Junior se formam engenheiros — um mecânico, outro administrativo. Os netos também são engenheiros.

A atração da forjaria é mesmo irresistível. No prédio da Av. Presidente Wilson ainda funciona a galvanização. E também está vivo o espírito de solidariedade, respeito mútuo e trabalho em equipe que marca a empresa desde a sua origem. Espírito que levou Max Mangels, muitas vezes, a inventar extraordinárias tarefas para manter em atividade operários desocupados em épocas de crise. Algumas destas tarefas são folclóricas. Certa vez, Mangels teria resolvido deslocar todos os equipamentos da fábrica para ver se melhorava o processo de produção. É claro que não melhorou. Sendo assim, as máquinas tiveram que voltar para os seus lugares de origem. E os operários continuaram tendo o que fazer por um bom tempo. Em outra oportunidade, Max decidiu que os pregos a serem galvanizados deveriam ser contados e não pesados... Muitos operários mantiveram suas ocupações na base de calcular quantas unidades continha 1 quilo de pregos!

Dona Anita ainda está viva. E, segundo ela, o velho Senhor Max também. Ele está ao seu lado, bem humorado, como sempre, através dos filhos, dos netos e das indústrias de que ela foi com muito orgulho, a primeira mensageira.